

MELANCOLIA: DESAGRADO MORAL PARA COM O PRÓPRIO EU

MARIA TEREZA MENDES DE CASTRO *

1 INTRODUÇÃO

Em “Luto e Melancolia”, Sigmund Freud apresenta um estudo sobre a afecção que envolve estes dois momentos de profunda dor, ambos oriundos de um sentimento de perda. A correlação é feita em razão das semelhanças dos sintomas que se apresentam diante destes dois quadros. Ambos se caracterizam “por um estado de ânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda de capacidade de amar e pela inibição geral da capacidade de realizar tarefas” (FREUD, 1917, p. 103).

O enlutado e o melancólico são, a princípio, sujeitos relutantes ao abandono e à perda de seu objeto de amor. Contudo, o estado de luto cumpre um período de dor determinado, onde aquele que sofreu a perda, gradativamente, se reintegrou a sua vida, voltando a realizar suas tarefas cotidianas e superando o estado de sofrimento causado por esta ruptura.

No caso da melancolia, a dor vincula-se de forma mais peculiar à perda do objeto amado. Tal objeto tanto pode ser uma pessoa, como algo que representa um ideal, isto é, algo que “perdeu-se como objeto de amor”, algo que não deixou de existir materialmente, mas que se foi e deixou marcado no ser o sentimento de abandono e desamparo. Freud deduz ainda a possibilidade do surgimento de um sentimento de angústia causado pela falta de clareza daquilo que se perdeu com a ausência do referido objeto. Neste caso, o sujeito tem consciência do objeto perdido, mas não é capaz de saber o que se perdeu em seu próprio Eu com tal ausência. Freud, então, relaciona a melancolia a “uma perda de um objeto que escapa à consciência”,

ou seja, podemos dizer que uma perda objetual é vivida como uma falta profunda, sem que, no entanto, possamos distingui-la ou dizer algo sobre ela.

A falta de clareza acerca daquilo que se perdeu com a ausência do objeto amado e desejado, torna a dor do melancólico enigmática, difícil de ser trabalhada, e, conseqüentemente, impossível de ser reconhecida e dita. Esta dor enigmática se agrava ainda mais por uma característica que o melancólico desenvolve: a depreciação do sentimento-de-Si. Como Freud explica, no luto, o mundo exterior se esvazia, enquanto na melancolia, há um esvaziamento do próprio Eu.

Na escuta do paciente, fica claro para Freud que a depreciação do objeto amado volta-se para o próprio Eu. A carga da libido, antes direcionada ao outro, fica sem orientação diante do desenlace amoroso. Face ao não desapego e à recusa de se abster do objeto, a carga libidinal acaba sendo direcionada e retida no Eu. Uma tensão entre sentimentos opostos se estabelece: amor e ódio. Inicia-se um conflito ambivalente entre o EU que se empobreceu e o EU moral (Super-ego). O outro é internalizado de forma inconsciente e o Eu passa a sofrer uma dor de si sem ter consciência que este estado psíquico é, na verdade, um ódio direcionado ao outro e não a si mesmo, como pode parecer.

Visto que a escolha objetual é feita numa base narcísica, ou seja, a escolha do objeto se dá pela identificação do próprio sujeito com o objeto, ocorrendo a ruptura entre ambos, todo o sentimento de ódio retorna ao próprio Eu do indivíduo. Esta reação que se estabelece no próprio Eu se dá de forma inconsciente, como já mencionamos. O sujeito melancólico consegue, dessa forma, manter vínculo com o objeto perdido, sem abrir mão de sua relação afetiva com ele. Uma relação estabelecida nestes

* Membro Associado em Formação Básica ao CORPO FREUDIANO - ESCOLA DE PSICANÁLISE e Mestre em Filosofia pela UECE.

termos, onde o amor refugiado na identificação narcísica é substituído pelo sentimento de ódio, não poderia gerar outro sofrimento senão uma satisfação sádica. A evolução desse sintoma patológico, segundo o entendimento de Freud, levaria o sujeito ao ato extremo autodestrutivo, isto é, ao suicídio.

2 SUICÍDIO, UM EMBATE ENTRE O AMOR E O ÓDIO

Um gesto desses se prepara no silêncio do coração, da mesma maneira que uma grande obra. O próprio homem o ignora. Uma noite, ele dá um tiro em si mesmo ou se joga pela janela. (O Mito de Sísifo - Albert Camus)

Albert Camus (1913-1960), na introdução de seu ensaio “O Mito de Sísifo” (1942), insere uma questão filosófica fundamental a ser respondida pelo homem: julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida. A decisão entre viver e morrer, segundo Camus, dá-se integralmente no âmbito do pensamento individual: “Começar a pensar é começar a ser atormentado” (CAMUS, 1942, p. 18). Na concepção camusiana, as causas para esse movimento autodestrutivo são germinadas dentro do coração do homem, fato que dificultaria a um observador externo entender o verdadeiro motivo para a sua consumação e, por vezes, até mesmo o entendimento de seu próprio executor. Nesse ensaio, Camus relaciona o suicídio ao *absurdo*, ou seja, à insensatez de nossas vidas em um mundo inexplicável onde nossa sensação de pertencimento se esvai, é como um “[...] divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário” (CAMUS, 1942, p. 20).

Podemos fazer uma aproximação entre essa sensação de despertencimento enfatizada por Camus, e o esvaziamento do Eu, sentimento que caracteriza o melancólico, segundo Freud. Como vimos, enquanto o enlutado consegue dar significado a sua perda, o melancólico não consegue ter a compreensão do que se perdeu com a ausência do objeto, o que aumenta sua sensação de desamparo e esvaziamento. O despertencimento revela uma ausência de lógica num sentimento de ruptura e desconexão com o mundo exterior. Contudo, o efeito desta incompreensão de sentido em estar no mundo se oculta em nosso inconsciente, ou, como escreveu Camus, “no silêncio do coração”.

O amor antes depositado no outro como investimento libidinal, e agora sem destino, retorna ao Eu “modificado”, face a sua identificação narcísica com o objeto. O Eu transformado surge como fusão entre o próprio Eu e o objeto, representando uma unidade composta de sentimentos opostos e conflitantes. O melancólico, não aceitando a perda de seu objeto amado, a nega psiquicamente e utiliza sua energia libidinal para mantê-lo dentro de si. O melancólico não quer se desfazer do amor, mas este sentimento retido no próprio Eu ganha, inconscientemente, outra dimensão.

Reativo à dor do abandono, o sentimento de amor toma forma de outro sentimento que lhe é oposto, o sentimento de ódio. Inconscientemente, o ódio relativo ao objeto antes amado é direcionado ao Eu “duplo”. Esta tensão entre esses dois sentimentos, o amor que deseja conservar o objeto e o ódio que deseja recriminá-lo, leva à tensão entre o Ego e o Super-ego, este cumprindo sua função de consciência moral, e aquele tentando se autoflagelar pela sua culpa. O Eu se enfurece consigo mesmo desencadeando um estado de sofrimento e autodepreciação. Culpa por ter escolhido a si próprio?

O embate entre esses dois sentimentos, ódio e amor, dará origem a duas forças opostas. Freud representará estas forças como um embate entre Tânatos (pulsão de morte) e Eros (pulsão de vida). O primeiro representa o instinto destrutivo de morte, enquanto que o segundo, o de autoconservação. O triunfo de Tânatos, caso comum nas situações patológicas, representaria a efetivação do ato definitivo do sujeito melancólico, dar cabo a sua própria vida.

O suicídio é considerado por Freud, no caso do melancólico, como um ato inconsciente de morte contra o outro, mas que, efetivamente, afeta o Eu identificado com o objeto. Por isso, Freud vincula a dor do sujeito que sofre esta patologia ao sintoma do sádico, pois, na verdade, trata-se de uma vingança revestida de autoflagelação, motivada pela perda do objeto amado. O sadismo é um retorno do Eu a sua própria dor relativa ao objeto exterior.

A dor psíquica é, portanto, neste caso, uma dor de amor. O Eu, para sobreviver, precisa da aceitação do Super-eu, precisa de

seu amor, como um filho que necessita da aprovação do pai. O melancólico anseia por este sentimento, pois investiu toda sua libido no outro, no objeto pertencente ao mundo externo, desejando dele o sentimento de pertencimento e de amparo.

A busca pela manutenção do amor pode ser vista como uma tentativa de Eros de restabelecer laços com aquilo que se foi, numa expectativa de recriar um sentido à própria existência.

3 MELANCOLIA: UMA DOR MORAL

O Super-eu, equivalente à consciência moral, atormentará o Ego submetendo-o ao processo de culpabilidade. Entretanto, esse “ato judicial” é contínuo e independe de uma culpa real; é como se o Super-ego cumprisse apenas seu papel inquiridor propondo constantemente ao Eu sempre uma autoanálise.

Como atesta Freud, a dor que se estabelece volta-se predominantemente para as questões morais, e muito raramente para aspectos ligados à deficiência física, feiura, inferioridade social etc. Freud, em “Luto e Melancolia”, não explica o porquê de não serem considerados tais valores na constituição da dor do melancólico, mas evidencia o profundo desagrado moral do próprio Eu em sua interioridade.

A consciência moral é descrita em “Totem e Tabu” como “a percepção interior do repúdio a determinadas moções do desejo existentes em nós” (FREUD, 1913, p. 118). Pela definição, podemos dizer que a moral está intimamente ligada a uma teoria dos impulsos. Trata-se de uma interiorização de impulsos agressivos sentida como culpa e sujeita à punição. O sentimento moral se origina de um sentimento de medo sob dois aspectos: medo de uma autoridade externa, que nos obriga a renunciar a satisfação de nossos desejos, e o medo ante o Super-eu, autoridade interna, que gera a consciência de autopunição.

Contudo, a não realização de nossos desejos não os elimina, mas os direciona ao próprio Eu, fazendo nascer uma grande insatisfação, o que gera certa agressividade voltada para o próprio Eu. Dessa forma, mente e corpo adoecem e se punem através do sadismo. O sadismo é uma manifestação de um grande

desagrado moral de si mesmo, onde Ego e Super-ego se conflitam.

Mas o que seria uma dor moral? Seria uma dor de si mesmo pelas nossas escolhas inconscientes? Qualquer ser humano tem em si mesmo seu instinto de autopreservação, mesmo que não saiba reconhecer os afetos que envolvem este impulso. A dor moral que surge em nossa consciência tem sua origem neste embate entre o Eu e o Super-eu; um Eu que reconhece a autoridade do Super-ego e que entende que existe algo além de sua consciência. Este sofrimento tem aspecto infinitamente mais dilacerante que a dor física, pois, na maioria das vezes, podemos senti-lo sem podermos entender sua manifestação. Esta é a dor moral do melancólico: um embate entre o desejo de autoconservação e o desejo de auto-destruição acompanhado do sentimento de culpa.

A concepção freudiana de Super-eu está intimamente ligada à função do pai. É a voz do pai sempre ecoando no Eu. A dor moral é uma dor nostálgica que gera um sentimento de culpa e um latente desejo de autopunição.

4 MELANCOLIA, UMA DOR SEM FIM?

Ao final de seu texto, “Luto e Melancolia”, Freud atesta a dificuldade de garantir uma solução para o sofrimento do melancólico. Infere, contudo, que a superação dessa dor possa ocorrer no âmbito do inconsciente de duas maneiras: pelo esgotamento da raiva em relação ao objeto, ou pela desvalorização do objeto antes amado, caso em que o melancólico retomaria sua autoestima.

Poderia ser a melancolia uma dor latente sempre presente no Eu? Sendo nós, seres humanos, sempre desejantes de amor, poderíamos trazer o germe da melancolia em nosso ser? No *Banquete*, Platão utiliza Eros para ilustrar a fundamental característica do amor: sua ambiguidade. Filho de Poros (o recurso) com Penia (a pobreza), o amor tem em sua gênese a dualidade: a perfeição e a imperfeição. O amor é sempre uma necessidade, é sempre insuficiência, mas é também desejo de conquistar e de conservar. O amor é, portanto, um sentimento de busca pelo que nos falta e que nunca se sacia. Sendo assim, amar é procurar sempre por nossa completude. Trazemos,

portanto, essa nostalgia em nosso ser onde, possivelmente, abrigamos nossa melancolia.

A dor melancólica é uma dor angustiante e, por vezes, desesperadora, pois, como afirmou Freud, é uma dor difícil de ser dita, difícil de ser localizada. Não sabemos se ela está a espreita... O filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855), em sua obra “O Desespero Humano” (1849), define o desesperado como um *doente de morte*. O homem, na verdade, não morre desta doença, mas ela lhe é intrínseca e somente cessa com a morte do sujeito. “Quem desespera não pode morrer; “assim como um punhal não serve para matar pensamentos”, assim também o desespero, verme imortal, fogo inextinguível, não devora a eternidade do eu, que é o seu próprio sustentáculo” (KIERKEGAARD, 1849, p. 31).

Podemos dizer que Kierkegaard considera o desespero como uma dor inerente à própria existência do homem. Freud, embora não tenha apontado para uma cura da melancolia, tentou conhecê-la e explicá-la. A melancolia, então, seria um afeto inerente ao nosso ser? Conhecer o processo psíquico nos seria útil no auxílio de sua superação? Sem dúvida! Conhecer aquilo que nos afeta nos oferece uma grande possibilidade de lidar melhor com qualquer forma de afecção. Não podemos evitar nossas paixões, nem mesmo dominá-las, mas, apesar dos afetos constantes, podemos tentar orientar nossos atos para uma via mais produtiva.

Para tentarmos refletir acerca desta via, recorreremos ao pensamento do filósofo Benedictus de Spinoza. Faremos, a seguir, uma breve apresentação de seu pensamento apresentado em sua obra “Ética” (1675). Esta obra se divide em cinco partes, mas abordaremos somente a parte terceira intitulada “A origem e a natureza dos afetos”. Nela, o filósofo fala sobre o engano dos homens em considerarem-se livres pelo simples fato de estarem cômicos de suas ações quando, na verdade, desconhecem o que as determina: “Assim, a própria experiência ensina, não menos claramente que a razão, que os homens se julgam livres apenas porque estão conscientes de suas ações, mas desconhecem as causas pelas quais são determinadas” (ET. III, Proposição 2, Demonstração, p. 171).

5 MELANCOLIA, DE AFETO TRISTE À ALEGRIA

Na obra “Ética”, mais especificamente em sua parte terceira, Spinoza desenvolve uma teoria dos afetos objetivando a compreensão acerca de sua gênese. Atesta que todos os afetos existentes e possíveis originam-se a partir de três: alegria, tristeza e desejo.

“Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (ET. III, Definição 3, p. 163). O afeto é, portanto, a variação de nossa potência de existir. Spinoza relaciona os afetos de alegria e tristeza, ao aumento e à diminuição, respectivamente, da nossa potência de agir.

Para falar sobre afecções, Spinoza não considera somente o corpo como objeto principal, mas dá ênfase também a algo incorpóreo que está unido a ele, ou seja, a nossa mente. “A mente não conhece a si mesma senão enquanto conhece as ideias das afecções do corpo” (ET. II, prop. 23, p. 117). A mente, portanto, produz ideias do corpo; e ressalta “a mente e o corpo são uma só e mesma coisa”. O que nossa mente conhece do nosso corpo são afecções, sendo estas oriundas a partir do encontro com outros corpos no mundo em que estamos inseridos.

Assim, o corpo é potência em ato e é constantemente afetado no mundo por outros corpos (afecções). Nesses constantes encontros de corpos, segundo Spinoza, o homem conhece somente os efeitos gerados em seu corpo, ou seja, é consciente somente das impressões causadas por estes encontros, mas desconhece a verdadeira causa de seus afetos. O homem liga a imagem do afeto ao corpo que o afetou, mas ele mesmo conhece muito pouco sobre este corpo. Em outras palavras, o homem relaciona seu estado afetivo apenas ao corpo que o afetou, pois é somente isto que chega a sua consciência.

Nesses encontros, os corpos podem, entre si, estabelecer relações construtivas e destrutivas. “O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor” (ET. III, postulado I, p. 163).

Considerando que todos os seres humanos tendem necessariamente a perseverar em seu ser, Spinoza identifica este esforço de existência a nossa essência: “O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual” (ET. III, proposição 7, p. 175).

Este esforço (*conatus*) dá-sesimultaneamente no corpo e na mente de forma inconsciente; o homem é sempre ser desejante, pois não pode ir contra a sua essência e, por esta razão, exerce sempre este esforço em manter-se em sua existência. Entretanto, a sua consciência indica apenas o estado do seu corpo, mas nada lhe diz sobre a causa verdadeira de seus afetos e, conseqüentemente, de seus desejos. O desejo é o inconsciente do homem. Ressaltamos que em sua “Ética”, Spinoza não utiliza o termo “inconsciente”, mas evidencia o desconhecimento da verdadeira causa de nosso desejo.

Feita esta brevíssima explanação sobre a teoria dos afetos, falaremos agora acerca do ponto específico a que se refere o tema deste trabalho: a melancolia. Seguindo o raciocínio spinozista, a melancolia, dor profunda, se origina de um dos afetos primários: a tristeza. Por tristeza, Spinoza compreende a passagem da mente a uma perfeição menor, isto porque o corpo entrou em contato com outro corpo que não se constituiu com a sua própria natureza. Spinoza diz que a melancolia ocorre quando o nosso corpo é inteiramente afetado de tristeza, ou seja, quando nosso corpo estabelece com outros corpos encontros que violam a sua natureza. Por conseguinte, esses encontros reduzem sua potência de agir e, porque não dizer, reduzem o desejo, que é nossa essência, e, por fim, reduzem nossa potência de vida.

A via indicada para a superação dessa tristeza, dessa despotencialização do nosso corpo e de nossa mente, seria a produção de bons encontros, encontros que restabelecem a boa relação com o nosso corpo e nossa mente. A produção de bons encontros é uma responsabilidade do próprio ser humano, o que não é tão fácil assim, já que, em geral, não compreendemos as relações que nossa mente estabelece com o nosso corpo, mas apenas o efeito causado nele.

Bons encontros serão produzidos a partir do momento em que passamos a compreender o que há de comum em nosso corpo com outros corpos. Corpos semelhantes se compõem. Dessa forma, nossa potência de existir é aumentada, aumentando o nosso *conatus*, aumentando nosso desejo de perseverar em nossa existência.

A vida é um constante esforço de existir e, para preservá-la, precisamos compreender a natureza que existe em nós e “qualquer coisa que possa destruir o nosso corpo não pode nele existir” (ET. III, Proposição 10, Demonstração, p. 177).

Bons encontros geram afetos de alegria e esta é a primeira expressão do amor, de conservação, de potência e de vida.

6 CONCLUSÃO

Podemos, enfim, apontar algumas semelhanças entre a análise de Freud em relação à melancolia e a compreensão deste afeto na percepção spinozista.

A dor do melancólico, segundo Freud, é particularizada pelo desenvolvimento de um sentimento de autodepreciação, único sintoma que a diferencia do sentimento de luto. Vimos que a tristeza profunda que caracteriza o estado de melancolia envolve sentimentos de amor, ódio e desejo. A dor causada pela perda do objeto amado e o desejo de manter a força libidinal em nosso Eu, leva-nos a um estado conflitante onde se pronunciam tanto pulsões de vida como de morte. O mesmo amor que antes alegrava a nossa existência, agora perdido, se reveste em ódio acompanhado de uma profunda tristeza. Na “Ética”, Spinoza relaciona estes dois afetos, alegria e tristeza, a nossa maneira de existir no mundo e, além disso, aos afetos de amor e ódio: “O amor nada mais é do que alegria, acompanhada da ideia de uma causa exterior, e o ódio nada mais é do que a tristeza, acompanhada da ideia de uma causa exterior” (ET. III, Proposição 13, Escólio, p. 181). Amamos, portanto, aquilo que nos faz bem, que nos alegra e, portanto, que aumenta nossa potência de agir; quanto ao ódio, é um afeto triste e, por esta razão, diminui nossa potência de agir.

Freud infere que aquele que perdeu seu amor objetual, de imediato, não consegue se

abster desta ausência, e afirma que “a existência do objeto perdido continua a ser sustentada” (FREUD, 1917, p. 104). Spinoza chama esta presença em nossa mente de “imaginação”. Na imaginação, consideramos o corpo que nos afetou como presente em ato, o que faz com que continuemos a formar ideias com base nesta sensação. Segundo o filósofo, esta forma de pensar é, na verdade, uma das maiores causas do sofrimento humano. O homem, enquanto imagina, não consegue ter o conhecimento da verdadeira causa de seus afetos e, por esta razão, mantém-se escravo de suas paixões. O melancólico de Freud, mesmo depois da perda do objeto amado tenta mantê-lo em sua mente, amando-o de forma narcísica, como se aquele objeto ainda existisse. Para ambos, esta forma de pensar nos leva não somente ao engano, mas ao sofrimento.

“Quando a mente imagina aquelas coisas que diminuem ou refreiam a potência de agir do corpo, ela se esforça, tanto quanto pode, por se recordar de coisas que excluam a existência das primeiras” (ET. III, Proposição 13, p. 181). Nossa mente não tem o livre poder de lembrar ou esquecer de algo, por isso se esforça e luta para a sua conservação. O melancólico, no caso de Freud, mesmo dentro de seus processo autodestrutivo, inconscientemente busca se preservar quando tenta direcionar sua carga libidinal, antes direcionada ao seu amor objetual, para o seu próprio Eu. Esta tentativa de perseverar no amor, mesmo que este se converta em um sentimento oposto e destrutivo, caso do sadismo, não pode deixar de ser considerada uma forma de perseverar na existência, ou mesmo uma tentativa de dar um sentido à própria existência.

Esse estado que nasce de dois afetos contrários, Spinoza denominou “flutuação do ânimo”. No caso do melancólico, ele é tomado por sentimento de amor e ódio em relação a um mesmo objeto; é como odiar aquilo que se ama e, por isso, uma forma doentia e destrutiva de se relacionar com a vida.

Podemos concluir que tanto para Freud quanto para Spinoza a vida não pode ser triste. Freud acreditava que o amor era necessário para não adoecemos. Spinoza vinculava o amor à alegria, e esta à potência de vida.

Sem dúvida, os métodos psicanalíticos adotados por Freud para superar recalques, traumas, ansiedade etc. através da fala, das interpretações dos sonhos, das percepções dos chistes e dos atos falhos, em nada se assemelha ao que Spinoza propôs em sua “Ética”. Entretanto, ambos deram ênfase à necessidade ao acesso do conhecimento verdadeiro da causa de nossos afetos; ambos perceberam que o desejo não nasce em nossa consciência e que esta é apenas uma reflexão daquilo que já foi produzido em nossa mente, indicando tão somente o estado do nosso corpo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Beneditti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo.** Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FERRARI, Ilka Franco. **Melancolia: de Freud a Lacan, a dor de existir.** Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology On Line - Ano VI, n. 1, maio 2006. Disponível em http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/latim_american/v3_n1/melancolia_de_freud_a_lacan.pdf (Acesso em: 02 ago. 2016).

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia.** Em: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu - Algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e dos neuróticos.** Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

KIERKEGAARD, Soren. **O desespero Humano (Doença até a morte).** Tradução de Adolfo Casais Monteiro. Rio de Janeiro: UNESP, 2010.

PLATÃO. **O Banquete ou do Amor.** Tradução, introdução e notas do Prof. J. Cavalcante de Souza. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

